

REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (1987). *El niño y la vida familiar en el Antiguo Régimen*. Madri: Taurus. (Trabalho original publicado em 1960).
- Borges, J. L. (1976). Prólogo. Em L. Carroll, *Los libros de Alicia*. Buenos Aires: Corregidor.
- Carroll, L. (1988a). Alice's adventures in wonderland. Em L. Carroll, *The complete works of Lewis Carroll*. Londres: Penguin. (Trabalho original publicado em 1865).
- Carroll, L. (1988b). Through the looking glass. Em L. Carroll, *The complete works of Lewis Carroll*. Londres: Penguin. (Trabalho original publicado em 1872).
- Carroll, L. (2010). *Alicia anotada* (M. Gardner, ed.). Madri: Akai. (Trabalho original publicado em 1865).
- Deleuze, G. (1988). *Logiques du sens*. Paris: Minuit.
- Fliess, W. (1994). Carta 213. Em J. M. Masson (ed.), *Cartas a Wilhelm Fließ: 1887-1904* (pp. 406-407). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1985 [1899]).
- Freud, S. (1993). Más allá del principio de placer. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1994). Carta 112. Em J. M. Masson (ed.), *Cartas a Wilhelm Fließ: 1887-1904* (pp. 218-229). Buenos Aires: Amorrortu.
- (Trabalho original publicado em 1950 [1896]).
- Freud, S. (2004). Tres ensayos sobre una teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Greenacre, P. (1971). Reconstruction and interpretation of the development of Charles L. Dodgson and Lewis Carroll *Alice in wonderland - The swift and Carroll*. Nova York: Norton & company.
- Lacan, J. (1988). Función y campo de la palabra y del lenguaje en el psicoanálisis. Em J. Lacan, *Escritos I*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1853).
- Lacan, J. (2019). Hommage rendu à Lewis Carroll. *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, 26. (Trabalho original publicado em 1966).
- Pizarnik, A. (1982). En esta noche, en este mundo. Em A. Pizarnik, *Textos de sombra y últimos poemas*. Buenos Aires: Sudamericana. (Trabalho original publicado em 1971).
- Salamone, L. D. (2019). Lo que perdura, lo que se pierde y lo que se recupera de lo infantil. *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, 26.
- Woolf, V. (1942). *The moment and other essays*. Londres: Hogarth.

Magdalena Filgueira*

Calibán -
RLP, 19(1-2),
41-51
2021



O infantil: Terceira margem para a função <pai>

Discursos ao redor do infantil

O *infantil* faz alusão às crianças, mas o que é uma criança? Podemos pensar isso hoje a partir de diversos discursos, sabendo que a noção de menino, menina sofreu modificações em razão das mudanças de discursos sociais, políticos, biológicos, jurídicos, ideológicos, econômicos e do discurso psicanalítico que foi chave na transformação da concepção de infância, desde a sua invenção até a noção contemporânea. Cada um deles leva em consideração aspectos fundamentais para a aresta da sua análise, como são o da responsabilidade civil e penal frente a seus fatos, a inimizabilidade penal frente a seus atos, a capacidade reprodutiva, a possibilidade de compor a força de trabalho. Por exemplo, ao considerar este último, *criança é aquela pessoa que não trabalha*, aquela que *não deve trabalhar*. Em vários desses discursos disciplinares, as coordenadas de demarcação costumam ser claras: indivíduo maior ou menor de idade, sujeito de direitos, criança, adulto.

Ariès (1960/1987), historiador francês, pesquisou intensamente as origens da infância e indicou que a concepção que temos dela é relativamente recente, não remonta a um período muito além dos séculos XVII ou XVIII. Argumenta que o elevado índice de mortalidade infantil reinante antes desses séculos foi gravitante. A morte ocupa lugar especial. Se a criança morria, coisa que sucedia com frequência em seus primeiros anos, a família podia sentir isso, mas logo um novo filho viria para substituí-lo. Ao chegar a puberdade, a vida dos adultos era assimilada. Dentro dos estudos da *história das mentalidades* foram abordados os problemas da consideração da criança, o desenvolvimento das práticas de criação, a cotidianidade do vínculo entre pais e filhos, a história da família.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

A psicanálise, fundadora de discursividade, diferencia-se de outros, de todos eles, aos que certamente não invalida – pelo contrário, dialoga com eles e influencia –, mas dos quais se separa e adquire perfil próprio. A invenção-descoberta-conceitualização do inconsciente constitui um giro epistemológico sem par, que uma vez ocorrido vai incidir no decorrer da história das ideias. Mas o quão poroso, permeável, é para a interdiscursividade?

A *sexualidade* – sempre infantil – é um nó para a psicanálise, centro de confluência de conceitos fundamentais, *Grundbegriffe* freudianos, adubados pelos conceitos de pulsão e destinos da pulsão – os diádicos, transformação no contrário e retorno sobre si mesmo, e aqueles que requerem três termos e processos de substituição, repressão e sublimação (Freud, 1915/1976h).

Costumam ser férteis os momentos de interpelação, aflição e vacilação calculada ou não do psicanalista em sua práxis, nunca abarcados por teorias, mesmo que recorramos a elas como facho de luz, como farol indicador, diante de pontos inquietantes, frente a interrogações próprias do que é enigmático, sempre presentes em nossa aproximação ao inconsciente. Do retorno aos textos freudianos, na volta à linguagem das formações do inconsciente, provavelmente surgirá uma onda de descobertas que deixará na costa novos restos, o que vai compor, portanto, uma margem diferente. Então, o ato de voltar a refletir sobre o infantil nos deixará na mesma margem? Ou, pelo contrário, há de nos levar a outra diferente?

A atualização implicada a cada retorno à leitura, bem como o circuito da própria escrita – que, guiando-se pelo que não se sabe, com fragmentos, *letras* do não sabido infantil, a partir da singularidade do caso a caso –, desperta no analista seu desejo de realizar um texto, alinhavo cortante que é o ato psicanalítico, o da transmissão. Quando essa onda se detiver em suas possibilidades, teremos, para acudir, a voz do poeta, apelaremos ao *Dichter*, a esses *materiais*, como nos indicou Freud (1908 [1907]/1976a), aos do *criador literário*: “E como logra nos tocar tão fortemente com ele, provocando em nós emoções de que talvez não nos julgássemos capazes” (p. 127)¹. O mesmo poeta não saberia explicar de onde vêm, razão pela qual Freud pergunta: “Não deveríamos buscar já na infância os primeiros traços da atividade criativa?” (p. 127)².

Ao tentar definir – ou, pelo menos, navegar – *o infantil*, a visão do evolutivo se faz sentir nos diferentes discursos e disciplinas, o que marca também a psicanálise com fortes correntes que situam esse pensamento na vértebra do infantil; o objeto parcial que se tornará total, a ideia de uma organização fixa e pré-determinada sequenciada em fases de desenvolvimento consecutivas, do que está disperso na unificação, do caos à integração. O infantil se aproxima, por essa via, do pequeno que vai virar adulto, da criança que irá em progressão, de menos para mais, noções que pareceriam mais diáfanas do que qualquer figura linguística complexa como o paradoxo ou o oxímoro.

Freud quebra, já de início, essa linearidade ilusória, desde os seus primeiros escritos, já em *Uma psicologia para neurologistas* (1950

1. N. do T.: Tradução de P.C. de Souza. A tradução corresponde à p. 326 de: Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. Em P.C. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).

2. N. do T.: Ibid.

[1895]/1976g), com a noção de *próton pseudos*, primeira fantasia-mentira, e a ressignificação no tempo do *a posteriori*, montagem em dois tempos de formação da fantasia e do sintoma, emerge e reinará no *aparelho psíquico* uma própria *realidade psíquica*, desarticula-se a ideia de uma verdade, a histórica vivencial vai se contrapor à verdade material. É o primeiro psicanalista que, através da sua metapsicologia, desbarata a causalidade linear do cronológico, aumenta a ideia de uma verdade científica, abre e cede lugar assim ao paradoxo, ao tempo lógico, aos objetos subjetivos, fenômenos transicionais, topologias que apagam as dimensões de dentro, fora, antes-depois, profundo ou superficial, propostos e retomados por Winnicott e Lacan. O infantil é tudo isso, sempre e ao mesmo tempo, seja-se criança ou não.

Com a queda da *sua neurótica*, produz-se a queda também de um primeiro pai, o da sedução.

Lacan enfatizou que, para ser *uma*, a verdade na psicanálise tem mais de um rosto. Em consonância com Nietzsche, que propôs que as verdades são metáforas que se gastaram e já carecem de força.

O *infans* não fala, mas brinca

O infantil *infans* o que não fala. Encontra-se submerso na linguagem, *logos*, desde antes do nascimento, mas ainda não fala, senão até ter-se visto no espelho do Outro, que reconhece e nomeia, lhe dá seu Nome próprio, a partir do qual poderá emergir seu olhar e sua voz, *phoné*. Eu. Esse reconhecimento, alheio e próprio ao mesmo tempo, vai separá-lo do reino animal, ou da natureza, para sempre. A besta não se reconhecerá. “O homem, ao invés disso, na medida em que tem uma infância, em que não é já sempre falante, cinde esta língua una e apresenta-se como aquele que, para falar, deve constituir-se como sujeito da linguagem, deve dizer *eu* (Agamben, 2007, p. 72)³. Desse ponto de vista, “*a infância é precisamente a máquina contrária, que transforma a pura língua pré-babélica em discurso humano, a natureza em história*” (Agamben, 2007, p. 88; itálicas no original)⁴.

Freud (1908 [1907]/1976a) propôs que:

Os próprios escritores amam diminuir a distância entre sua categoria e os homens comuns; muito frequentemente nos garantem que em cada indivíduo se esconde um poeta, e que o último poeta desaparecerá com o último homem. Não deveríamos buscar já na infância os primeiros traços da atividade criativa? A ocupação mais querida e mais intensa da criança é a brincadeira. Talvez possamos dizer que toda criança, ao brincar se comporta como um criador literário, pois constrói para si um mundo próprio ou, mais exatamente, arranja as coisas do seu mundo em uma ordem nova, do seu agrado. Seria errado pensar que ela não toma a sério esse mundo; pelo contrário, ela toma sua brincadeira muito a sério, nela gasta grandes montantes de afeto. O oposto à brincadeira não é a seriedade, mas sim – a realidade. (p. 127)⁵

3. N. do T.: Tradução de H. Burigo. A tradução corresponde à p. 64 de: Agamben, G. (2014). Em H. Burigo (trad.), *Infância e história: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG. (Trabalho original publicado em 1978).

4. N. do T.: Tradução de H. Burigo. A tradução corresponde à p. 76 de: Agamben, G. (2014). Em H. Burigo (trad.), *Infância e história: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG. (Trabalho original publicado em 1978).

5. N. do T.: Tradução de P.C. de Souza. A tradução corresponde às pp. 326 e 327 de: Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. Em P.C. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).

A posição <> função <pai> em psicanálise

Eu acho inquietante, além de imprescindível, trabalhar, a partir e para a psicanálise, a posição e função do pai no enlaçamento com o infantil, neste primeiro quarto de século do terceiro milênio. Nós, os psicanalistas, teríamos que sustentar *perguntas boas o suficiente*, mesmo que interpelem conceitos fundamentais da psicanálise e mesmo que dessa interpeção saia uma mudança, uma viragem de paradigma, o que por sua vez a psicanálise – a partir da sua instauração como discursividade – sempre realizou para continuar viva no horizonte da subjetividade ... até ontem? Até hoje? Talvez o advento de novos conceitos na psicanálise contemporânea – dentro dos quais, singularmente, aquele que se encontra na posição que trata da função <pai> – encontre-se em incubação, como no conto que segue (em flutuação?), buscando um litoral, uma terceira margem a partir de onde possa ser concebido.

Vamos recorrer então ao criador literário, à inquietante pena do poeta brasileiro João Guimarães Rosa, ao seu conto *A terceira margem do rio* (1994/1962, p. 409):

NOSSO PAI ERA homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxe, não fez alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”. Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?”. Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.

O crítico literário Rodríguez Monegal (1968/1983) conversou com o escritor em três oportunidades, em três cidades diferentes; em uma delas, Guimarães Rosa lhe revelou: “Tenho horror ao efêmero”; confessou:

“Sempre penso em livros”, razão pela qual o crítico literário concluiu que, para o escritor, os textos são um conjuro contra esse terror, horror, e intitulou assim um fragmento de sua crônica: “O horror ao efêmero” (p. 2).

O horror frente ao efêmero e a escrita como conjuro diante dele surgem desde a origem da sua escrita. O livro que depois se chamou *Primeiras histórias* surge do convite de um jornal do Rio de Janeiro, com quem Guimarães tinha então a *obrigação* diária, frequente, quase cotidiana, de escrever (p. 3).

Realmente é a partir da literatura, da fineza do escritor, que chega e toca fundo tal interpeção à função paterna. O que pode ser dito desse pai que, sem mediar palavra, se retira da vida familiar, social, para ir viver em uma canoa no meio do rio? O autor constrói a ficção do *nosso pai* que sai para flutuar por anos no meio do rio. Deixa-nos sem palavras. Uma vez que o leitor se recupera do efeito de desconcerto, o relato começa a trabalhar internamente e servir como metáfora da posição abolida do pai e da sua função suspendida. Quem mandava era “nossa mãe”, diz o narrador.

Quanto convida o fantasiar a ser utilizado para pensar a função do pai na psicanálise, a partir das grandes mudanças, das profundas transformações unidas às da posição da mulher na sociedade nas últimas quatro décadas na cultura ocidental.

É o pai; é enquanto que o Nome do Pai põe amarras, justamente, ao desejo da mãe, ao permitir que o filho, no lugar de ser o falo imaginário do grande Outro, emerga como sujeito de desejo. Pai que porta, traz a lei à terra e recorta um gozo, instaurando um gozo proibido. Aquilo consubstancial à psicanálise, o significante alojado na letra, litoral, borda, margem do gozo.

Uma psicanálise é experiência com o inconsciente, experiência amarrada ao imaginário, enlaçado ao real. É um dispositivo que incita um discurso escrito pelo analisante com letra que mostra, que se manifesta como imagem e é velada como sentido, rememorando um gozo perdido. Letra, litoral, margem entre o saber e o gozo.

O século passado desponta, nasce, com a publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900/1976d): isto é, o século XX e a psicanálise nascem juntos. Talvez tudo estivesse preparado para a sua aparição, o tema recorrente da sexualidade, a proposta fundamentada do infantil, a *edipização* do desejo, o parricídio, e a proibição do incesto. Desde o seu surgimento, a psicanálise reviu e ampliou sua teoria, bem como seu campo de trabalho, incluindo a análise com crianças por meio do jogo. Considero que a concepção de sexualidade do infantil no menino ou na menina foi uma das contribuições revolucionárias de maior incidência, até se situar como referência maior no Ocidente.

A partir de vários discursos disciplinares, vão sendo dados golpes ao patriarcado, questiona-se o lugar hegemônico do pai, o que desmonta a constituição da família como família nuclear tão própria da sociedade patriarcal. Distintos historiadores coincidem com o fato de que o movimento mais influente foi o feminista, que desencadeou transformações econômicas, sociais e políticas imensas; somam-se também os movimentos gay e lésbico.

A metapsicologia freudiana, que contempla o discurso da sociologia imperante, sua teorização, como não podia ser de outra forma, continua a situar o pai nesse lugar central, nessa posição proeminente, então era

lógico que a morte do pai fosse o acontecimento mais significativo – por que esperado, temido e desejado – na vida de um homem, e da vida em família em sua totalidade. Freud (1950 [1895]/1976g) manifestou isso claramente na interpretação dos seus próprios sonhos, do qual se destaca o que ele teve em relação ao enterro do seu pai; seja na noite seguinte, de acordo com a carta dirigida ao seu amigo e interlocutor Fliess, ou na noite anterior, como escreve em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1976d). Por outro lado, ele acaba chegando tarde ao velório por se demorar em se arrumar na barbearia. Freud sonha com uma legenda que diz “pede-se fechar os olhos” ou melhor “pede-se fechar um olho” (p. 323). A partir desse sonho, entre outras formações inconscientes, colocará no centro das suas teorizações – a partir da sua *autoanálise* em transferência com Fliess – a tragédia grega de *Édipo rei* (na versão de Sófocles), o complexo de Édipo e o complexo de castração.

Surge o primeiro pai freudiano, o do mito edípico. Surgirá depois, em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/1976i), o pai terrível, que forja o mito do pai da Horda primitiva; por último, em tempo de concluir sua escrita e sua vida, elevado em *Moisés e a religião monoteísta* (Freud, 1939 [1934-1938]/1976e), no qual é gestado o mito do pai Moisés, o egípcio, não judeu, que aparece balançando-se no berço, flutuando em uma cesta nas águas do rio.

Freud não parou de repetir que o sonho – assim como o sintoma e todas as formações inconscientes – era uma realização de desejo. Daí que, ao se considerar o mito da morte do pai como um sonho, seja possível dizer que contém a chave do desejo, ou que ao menos fornece certos sinais para identificá-lo.

O que não fica explícito no Édipo vem a ser exposto depois no pai enunciado em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/1976i): o gozo do pai, que escapa a qualquer lei, a qualquer proibição. Trata-se de um pai dono e senhor do gozo. O pai primitivo com seu gozo exclusivo exhibe a particularidade da exceção, foi assassinado, mas nunca sofreu o processo simbólico da castração, foi isento dela. Quem o recebe são os filhos, a fratria. É o pai, uma vez morto, como pai real do gozo, que se transforma uma vez assassinado, incorporado; uma vez morto, torna-se pai simbólico, operador estrutural.

Continuando com a terminologia uniforme estabelecida por Freud (1927/1976b):

Vamos chamar de “frustração” ao fato de uma pulsão não poder ser satisfeita, “proibição” ao regulamento que a determina e “privação” ao estado produzido pela proibição. [...] Para nossa surpresa, descobrimos que ainda vigoram, que continuam a formar o núcleo da hostilidade à cultura. Os desejos pulsionais que dela se ressentem tornam a nascer com cada criança; há uma classe de pessoas, os neuróticos, que já reagem a essas frustrações com um comportamento associal. Esses desejos pulsionais são os do incesto, do canibalismo e do prazer em matar.⁶ (p. 10)

É possível ler a correlação que Freud vai estabelecendo ao longo dos seus textos, entre o Deus Pai Todo-Poderoso: – com a figura substituta do padre ou sacerdote, que recebe a confissão –, o Estado-pai – ratificador de garantia moderno de processos e dispositivos de subjetivação – e o

6. N. da T.: Tradução de P.C. de Souza. A tradução corresponde à p. 240 de: Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. Em P.C. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 17). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).

pai-real – da família nuclear monogâmica heterossexual da era patriarcal.

Devemos nos deter para perguntar: ao trabalhar na atualidade, o que produz esse operador estrutural, interditor simbólico, portador da lei da proibição e da lei dos intercâmbios?

A função do pai intervindo no desejo da mãe em psicanálise

“O pessoal é político”: sentença levantada pelo feminismo a partir da segunda metade do século XX. Surge uma nova problemática que já não contempla a sexualidade como recinto fechado de uma propriedade privada, senão como uma relação de poder entre os gêneros, um dispositivo de essência *política*, constitutivo da ordem patriarcal, reflete Lipovetsky em *A terceira mulher* (1999, p. 61).

“O poder está na ponta do falo”, dirão as feministas de Maio de 68. Coloca-se a questão do corpo feminino no ponto sensível das lutas vividas pela nova onda feminista. Questiona-se, inclusive, a *falocracia psicanalítica*, ainda quando a psicanálise, ao ser revista, pudesse reivindicar o direito das mulheres à plena autonomia sexual. Organizam-se movimentos coletivos contra a ilegalidade, a proibição do aborto; trata-se de conquistar o direito pleno ao controle da procriação com os métodos anticoncepcionais orais; enfim, a livre disposição do próprio corpo, bem como o rechaço à violência como fatalidade irreduzível da condição feminina (pp. 61-62).

O quanto o avanço do poder feminino acossa o imaginário masculino?

Revisitar os conceitos freudianos ao redor do feminino permite – além de poder ser feito com distância, por estar suficientemente afastado no tempo – analisar em que grau os aspectos culturais se inscrevem nos nossos psiquismos, nos nossos corpos, e impregnam a teoria psicanalítica como aparelho óptico, o que pode no final determinar nosso olhar e nossa escuta.

Refletir sobre os textos freudianos a respeito da mulher permite não só reconhecer certa via nos fundamentos teóricos iniciais da psicanálise, mas também analisá-los como documentos que apresentam um determinado sujeito sempre no horizonte da sua época.

Freud escreve sobre a feminilidade – dizem os historiadores que em resposta à sua analisante e discípula, Marie Bonaparte –, a respeito de certas inquietudes sobre o enigma feminino, atravessando a interrogação *o que quer uma mulher?* Eles também dizem que Freud, como seu analista, apesar de ter tentado, não pôde deter certa passagem ao ato de uma operação clitoridiana que teria sido praticada pela princesa em Viena⁷. Freud mergulhava em uma plataforma continental, que na sua cartografia chamou de *continente negro*, enquanto que no novo milênio podemos vê-lo nadar à margem de uma forte atitude ideológica, em que

7. Daniel Gil (1997) escreve, sobre isso: “Marie Bonaparte afirmava que, apesar da ablação, na zona da cicatriz da amputação do clitóris, restava algo de sensibilidade. Não sabemos de onde a Princesa retirou esse dado, ou se o tinha por experiência própria, já que, segundo conta Th. Laqueur, Marie Bonaparte se submeteu a uma clitoridectomia e fez um enxerto do clitóris em uma região mais próxima da entrada da vagina (para que agisse como um feixe de fibras resinosas?). A ideia à qual Freud não deve ter ficado alheio mostra não só a inutilidade – já que, uma vez extirpado o clitóris, por mais que fosse enxertado, perderia toda a sua inervação e, portanto, toda a sua capacidade orgásmica – mas que a intervenção seria, concretamente, uma ablação e também a submissão ao mestre” (p. 139, grifos próprios). Também em Roudinesco (2015): “Com o pseudônimo A. E. Narjani, acabava de publicar na Bélgica um artigo em que exaltava os méritos de uma intervenção cirúrgica, na moda à época, que consistia em aproximar o clitóris da vagina para transferir-lhe o orgasmo clitoriano. Marie acreditava, assim, remediar a frigidez feminina e experimentou a operação em si mesma, em Viena, sem nunca obter nenhum resultado (p. 339). N. da T.: Tradução livre.

já não seria possível tocar terra firme, para compreender e ocupar a posição de operador.

Quando retornamos a esses textos, eles nos trazem de volta, aos psicanalistas, uma terceira margem, a da sensibilidade de uma outra época, a nossa, que nos confronta com outras ferramentas para abordar o infantil, a sexualidade contemporânea. Um novo impulso é o que deveríamos dar, mais do que nos deixarmos levar, seguindo a corrente, à deriva, e que percamos o rumo, como “nosso pai”, o do conto de Guimarães Rosa – e que por esse motivo o citamos –, tendo como remo e prumo a história do movimento psicanalítico, o valor das revisões teóricas do próprio Freud e a observação de como determinados pressupostos de teor ideológico, por momentos, operam como crenças baseadas em uma autoridade. De um pai?

Freud, pai da psicanálise, que dizia navegar desde o princípio nas correntes de águas femininas, já que partiu do porto da histeria, e sem possuir a bússola do saber o que queria a mulher, não foi pouco o que disse sobre como era, e como devia ser⁸; o que mostra a profundidade da dimensão histórica de todo discurso – da psicanálise freudiana –, fundador da discursividade. Agora, os analistas pós-freudianos talvez tenhamos as condições históricas para responder a uma ontologia débil, bem como ser fortes na contribuição da posição ética, modesta nos alcances da veracidade em psicanálise⁹.

Terceira margem para o operador simbólico

O operador é aquele objeto que ao operar faz com que o menino ou a menina não se identifiquem com o valor fálico na mãe; o operador habilitará a não ficar situado nesse valor em relação ao desejo da mãe. Lacan chamou esse operador de Nome-do-Pai (Laurent, 1999, pp. 28-30). Muda ao ir definindo o pai em sua função, não tanto em termos de relação com o falo, mas sim em relação ao objeto *a* como causa de desejo, em sua queda, em sua perda, na *falta*, que o aproxima da castração e da angústia que produz a falta da *falta*. O significante (operará) como falta no Outro.

No campo conceitual da psicanálise, a noção pai intervém como *operador simbólico ahistórico* (Dor, 2004, p. 11). Possui a particularidade essencial de não ser atribuível a uma história, pelo menos como ordenamento cronológico. Acha-se fora da história e é ao mesmo tempo o ponto de origem de toda a história. O que pode lhe ser atribuído logicamente é

8. Freud, na seção “As transformações da puberdade” dos seus *Três ensaios de teoria sexual* (1905/1976), ao se referir à sexualidade da menina, diz: “Querendo-se entender a transformação da menina em mulher, será preciso acompanhar as vicissitudes seguintes dessa excitação clitoridiana [...] Quando o clitóris é ele próprio excitado, no ato sexual, enfim permitido, tem o papel de transmitir essa excitação adiante, às partes femininas vizinhas, mais ou menos como uma lasca de madeira resinosa é usada para por fogo numa lenha mais dura. Com frequência decorre algum tempo até que se realize essa transmissão, durante a qual, a jovem mulher fica anestésica [...]. Elas são anestésicas na vagina, mas de maneira nenhuma são incapazes de excitação a partir do clitóris ou mesmo de outras zonas. [...] Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina foi realizada com êxito, isso significa que a mulher mudou a zona diretriz de sua atividade sexual futura, enquanto o homem manteve a sua desde a infância. Nessa mudança das zonas erógenas diretrizes e na onda de repressão da puberdade, que, por assim dizer, descarta a masculinidade infantil, acham-se as condições principais para a maior propensão das mulheres à neurose, em especial à histeria. Portanto, essas condições se ligam intimamente à natureza da feminilidade” (pp. 201-202). N. da T.: Tradução de PC. de Souza. A tradução corresponde às pp. 141-142 de: Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em PC. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).

9. Em *A feminilidade*, a 33ª das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud (1933 [1932]/1976f) expressa: “Podemos insistir em que o clitóris é a principal zona erógena da fase fálica da menina. Mas naturalmente isto não continua assim; com a mudança rumo à feminilidade, o clitóris deve ceder à vagina sua sensibilidade e, com isso, sua importância no todo ou em parte. Esta seria uma das duas tarefas a serem cumpridas no desenvolvimento da mulher, enquanto o homem, tendo mais sorte...” (p. 110, grifos próprios). N. da T.: Tradução de PC. de Souza. A tradução corresponde à p. 271 de: Freud, S. (2010). *Novas conferências introdutórias à psicanálise: A feminilidade*. Em PC. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).

a história mítica. Mito necessário como poucos. Isso vai se tratar menos da sua encarnadura do que de uma entidade essencialmente simbólica, ordenadora de uma *função*. O que é relevante no seu papel no infantil reside em sua existência simbólica, que lhe confere caráter operativo e estruturante para todo *infans*.

Pai simbólico que é universal; pela incidência da sua função, advirão sujeitos, seres falantes. Função aberta e vacante da qual o “agente diplomático”, o pai real que a exerça em seu nome, será vetor: quem enuncia o <não> do pai? A partir de uma terceira margem, de onde porta e pronuncia a Lei, por esse <não>, que pode operar como e com os buracos, como os poros da pele do próprio *infans*, e que costuma entrar no nome do pai através do titular real ou daquele que exerce a suplência simbólica.

Ou seja, a prescrição simbólica da lei dos intercâmbios, os proibidos e os habilitados, supõe a negociação imaginária prévia, fantasmática desenvolvida na triangulação edípica da família. Os três protagonistas guardam relação entre si por um quarto elemento: o falo.

Pois bem, são funções, razão pela qual não é necessário que haja um homem para que haja um pai operando em qualquer dos registros mencionados. A função pai pode se vetorizar a partir da lógica simbólica por meio da *metáfora paterna*, a do Nome do Pai, a operação de substituição, por parte do menino, do significante do desejo da mãe por significante Nome do Pai.

Em um primeiro tempo, de transitivismo – aquele em que se perfila como sujeito a partir de sua posição particular <filho> –, tratará de se identificar com o que ele supõe que é o objeto de desejo da sua mãe, identificação pela qual o desejo do menino se faz desejo do desejo da mãe, logo do Outro; dado que o introduz, encontra-se favorecida – induzida, inclusive – pelo vínculo que mantém com ela. O *infans* se situa em posição de fazer objeto do que supõe que lhe falta à mãe. Objeto capaz de surpreender, satisfazer a falta, ou seja, o falo.

Cabe a pergunta, em relação a Lacan e seu postulado do “retorno a Freud” – de onde este extrai a noção de significante fálico e restabelece a função do pai e do falo –, de se nessa formulação a valoração do falo como significante fundamental não implicaria também uma posição ideológica? Mannoni (1972/2020) responde que em Lacan a valoração do falo não é ideológica:

Não se pode esquecer que o falo não é o pênis e que não pertence a ninguém. Ninguém possui o falo, nem os homens nem as mulheres, senão que é enquanto significante simbólico, não é real, nem imaginário, e é enquanto simbólico que desempenha um papel na teoria. Por isso não cai sob a acusação de ideológico, mas pode se prestar facilmente a desenvolvimentos ideológicos que não estão na verdade incluídos na teoria¹⁰. (p. 114)

A mediação paterna, a intervenção, em um segundo tempo, da função <pai>, será determinante na configuração do vínculo mãe-filho, ao ser interditor a partir da privação, da frustração e da proibição *freudianas*, utilizando para isso as três formas em que o objeto pode fazer falta.

Intervenção paterna na relação mãe-filho, que exerce a proibição sobre o filho, que vai vivê-la como frustração, o que vai conduzi-lo a questionar a identificação com o falo, ou seja, fálica, renunciando a ser o objeto

10. N. da T.: Tradução livre.

de desejo da mãe. A partir desta última, a função pai a priva do falo, que ela possui em/com o filho como objeto do seu desejo.

Esse deslocamento do objeto fálico leva ao filho – menino ou menina – a encontrar e enfrentar a lei do pai, lei cuja enunciação a mãe subscreeve, e, ao portar os efeitos da sua palavra, concede à função do pai um lugar simbólico frente ao filho, que assume a função significante do Pai, que é o significante simbólico: Nome do Pai.

Finalmente, em um terceiro tempo, o trabalho do filho se dá ao redor da simbolização da lei, tempo de compreensão do seu significado; o valor dessa simbolização é grande enquanto estruturante, ao situar o desejo materno onde corresponde. Função <pai> que é, portanto, compatível com a ausência de um pai, mais ainda de um homem, na realidade.

Trabalhar com essas novas concepções da teoria e com seus efeitos na psicanálise com crianças pode levar a que a demanda seja a de “instalar” a função paterna, função falha como sintoma do infantil, razão pela qual se tornará necessário trabalhar com isso na prática com crianças e com os pais em transferência.

Maud Mannoni (1972/2020) expressa: “É praticamente uma regra que eu veja somente os pais durante duas ou três entrevistas, especialmente para poder manifestar em que consiste a sua demanda”¹¹ (p. 139). Considera que na psicanálise com crianças e adolescentes, os únicos casos que devem ser considerados em análise são os de crianças graves. No restante das situações, se trabalhará para colocar em jogo a demanda em relação com a criança, algo enlaçado aos próprios pais dos pais. Quando é possível desenovelar algo nesse nível, a criança está, a partir desse momento, em situação de poder se arranjar sozinha com a sua conflitiva edípica, como acontece normalmente com as dificuldades comuns a todos. Ou seja, se restabelece o curso da própria *neurose infantil*.

É interessante pensar o *infantil* como aqueles fantasmas *dos pais dos pais* com efeitos nos filhos, crianças; psicanalisar as marcas do infantil em demanda na transferência dos pais e suas funções.

A psicanálise com uma criança será, então, o transcurso desse operador de castração até estabelecê-lo e que funcione, ou seja, que cumpra sua função.

Resumo

Texto que explora o infantil a partir do ângulo da função do pai na psicanálise, como operador simbólico. Recorre-se ao criador literário, que tem parentesco com o fantasiar e com a brincadeira da criança, e evoca-se um conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, dada a riqueza em imagens inacabadas que ele possui, o que permite pensar essa função do pai de forma fragmentada. Retomam-se os mitos freudianos do pai edípico, do pai da Horda primitiva e o de Moisés; realiza-se uma análise crítica de desvios ideológicos, resultado também de uma época moderna. A partir desse retorno a Freud, o artigo se abre a formulações fundamentalmente da psicanálise francesa pós-laciana. A proposta é pensar – quando se tratar de crianças ou não – quanto e como a psicanálise do *infantil* deverá considerar da demanda dessa função paterna,

Palavra-chave: *Função paterna.* **Candidatas a palavras-chave:** *Registro simbólico, Autor, Obra.*

11. N. da T.: Tradução livre.

Abstract

Text that explores the infantile from the angle of the father’s function in psychoanalysis, as a symbolic operator. The literary creator is resorted to, related to fantasy and play, and a tale by Guimarães Rosa, “The third bank of the river”, is evoked. The richness of unfinished its images allows us to think in a fragmentary way about this function of the father. The Freudian myths of the Oedipal father, of the primitive Horde and that of Moses are taken up again, and a critical analysis of ideological deviations, also as a product of a modern era, is carried out. From that return to Freud, the article opens to post-Lacanian and French psychoanalysis. The proposal is to think about how much and how psychoanalysis of *the infantile* should be considered in the demand for this paternal function, when dealing with children or not.

Keyword: *Paternal function.* **Candidates to Keywords:** *Symbolic register, Author, Literary work.*

REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (1987). *El niño y la vida familiar en el Antiguo Régimen*. Madrid: Taurus. (Trabalho original publicado em 1960).
- Dor, J. (2004). *El padre y su función en psicoanálisis*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Freud, S. (1976a). El creador literario y el fantaseo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 9). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908 [1907]).
- Freud, S. (1976b). El porvenir de una ilusión. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1976c). Fragmentos de la correspondencia con Fliess. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950).
- Freud, S. (1976d). La interpretación de los sueños. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1976e). Moisés y la religión monoteísta. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938]).
- Freud, S. (1976f). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Freud, S. (1976g). Proyecto de una psicología para neurólogos. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Freud, S. (1976h). Pulsiones y destinos de pulsión. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1976i). Tótem y tabú. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 13). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (1976j). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Gil, D. (1997). *Sigmund Freud y el cinturón de castidad*. Montevideo: Trilce.
- Lipovetsky, G. (1999). *La tercera mujer*. Barcelona: Anagrama.
- Mannoni, M. e Mannoni, O. (2020). *Maud y Octave Mannoni: Seminarios en Montevideo, 1972*. Montevideo: Biblioteca Uruguaya de Psicoanálisis. (Trabalho original publicado em 1972).
- Rodríguez Monegal, E. (1983). *En busca de Guimarães Rosa*. Disponível em: <https://anaforas.fic.edu.uy/jspui/handle/123456789/25916> (Trabalho original publicado em 1968).
- Rosa, J. G. (1994). A terceira margem do rio. Em *Ficção completa* (vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Roudinesco, E. (2015). *Freud: En su tiempo y el nuestro*. Barcelona: Debate.